

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT18.003

CONSTRUINDO DIÁLOGOS RESPEITOSOS NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA CARTILHA PARA COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA (CNV)

Heloísa Bárbara Cunha Moizéis ¹
Maria Clara Rocha Machado ²

RESUMO

A Comunicação Não Violenta (CNV) emerge como um método empático e compassivo, que aborda os conflitos considerando a observação, identificação e expressão de sentimentos, expressão das necessidades e realização de pedidos. Desse modo, a CNV no contexto escolar contribui para a criação de uma atmosfera positiva e acolhedora, em que os professores, alunos e funcionários se sentem ouvidos, compreendidos e valorizados. Este trabalho teve o objetivo de disseminar os princípios da CNV na comunidade escolar para os estudantes de uma rede pública de ensino. Para isso, foi realizado um estudo exploratório, sendo os dados obtidos pelas bases de dados do *Google Acadêmico*, *SciELO* e *Pepsic*, além do livro base “Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais”. A execução da cartilha foi realizada pelo editor gráfico *Canva*. A partir dessa base teórica, foi realizada a produção da cartilha, constituindo-se de: uma breve introdução sobre o conceito da CNV, além da biografia de Marshall Rosenberg, os passos que compõem a CNV e as possibilidades de aplicação da CNV no contexto escolar, como, por exemplo, na resolução de conflitos, na criação de um ambiente de aprendizado positivo, no desenvolvimento da empatia e na prevenção do *bullying*. Sendo assim, este trabalho possibilita reflexões sobre diálogos respeitosos no contexto escolar, tendo em vista que fornece um conjunto de estratégias de comunicação,

1 Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, Professora da Faculdade Vidal em Limoeiro do Norte do Curso de Psicologia, heloisabarbara96@gmail.com;

2 Graduada do Curso de Psicologia da Faculdade Vidal em Limoeiro do Norte, claraarocha234@gmail.com;

dinâmicas e debates, por meio de uma linguagem científica e acessível, que incentivassem a resolução de conflitos de forma não violenta e colaborativa.

Palavras-chave: Escola, Educação, Comunicação Não Violenta, Cartilha Informativa.

INTRODUÇÃO

A cartilha informativa referente à comunicação não violenta (CNV) inserida no ambiente escolar foi elaborada na disciplina de Projeto Extensionista I 2024.1 do curso de bacharelado em Psicologia da Faculdade Vidal em Limoeiro do Norte-Ceará. A Extensão na Educação Superior Brasileira é parte integrante da formação do Bacharelado em Psicologia, conforme a Resolução MEC nº 07/2018 (BRASIL, 2018). Desse modo, passou a integrar a matriz curricular e a organização da pesquisa, promovendo a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade. Desse modo, a extensão apresenta-se como uma ponte entre a universidade e a sociedade.

Nesse seguimento, a disciplina Projeto Extensionista I, com ênfase nos processos educacionais, teve o intuito de conectar os diferentes aspectos da educação, visando a promoção de uma experiência educacional integral a todos os envolvidos. O objetivo geral da disciplina foi conduzir à reflexão crítica e sensível do papel da Psicologia na sociedade, especificamente na comunidade escolar. Por isso, proporcionou a construção de práticas interventivas no campo da educação, para que os discentes assimilassem e praticassem os conteúdos teórico-práticos a partir de uma perspectiva extensionista.

No que diz respeito especificamente a construção da cartilha informativa para a CNV no ambiente escolar, teve como objetivo geral promover um ambiente escolar mais respeitoso, empático e harmonioso através da prática da CNV, aprimorando as relações interpessoais entre estudantes, professores e outros membros da comunidade escolar. Com o propósito de favorecer a saúde mental de todos os inseridos no ambiente escolar.

Ademais, tem como objetivo também aprimorar a resolução pacífica de conflitos, fornecendo à comunidade escolar estratégias de comunicação que incentivem a resolução de conflitos de forma não violenta e colaborativa; o incentivo à expressão clara e respeitosa, capacitando os membros da comunidade escolar a comunicar suas opiniões, sentimentos e necessidades com clareza, honestidade e respeito e a disseminação dos princípios da CNV na comunidade escolar, oferecendo oportunidades de aprendizado e prática da CNV por meio de dinâmicas, debate da temática e explicação da prática.

Sabe-se que a cultura da violência no Brasil representa um grande desafio para o sistema educacional, visto que o ambiente escolar também se torna palco de manifestações de agressões físicas, verbais e psicológicas. Como destaca

Gaidargi (2019), as violências que estão presentes no contexto escolar refletem os aspectos da sociedade e se tornam uma preocupação que afeta a comunidade escolar, as famílias e a sociedade como um todo. Nesse sentido, as escolas enfrentam dificuldades ao lidar com a violência, abrangendo desde a prevenção e resolução de conflitos até o suporte emocional e psicológico aos alunos. Além disso, a violência pode gerar um ciclo contínuo de retaliações, impedindo a criação de um espaço seguro e acolhedor para a aprendizagem. A persistência desse problema afeta negativamente o desempenho acadêmico, contribuindo para o aumento da evasão escolar.

A violência, como destaca a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) é algo recorrente na experiência humana e impactante de várias formas em todo o mundo e vai além do uso da força física, considerando também atos de violência como a ameaça, intimidações, omissões e negligências que resultam de uma relação de poder. Não obstante, existem possibilidades de evitar e minimizar o impacto da violência, visto que os fatores que contribuem para as reações violentas, sejam esses sociais, econômicos, políticos ou culturais, podem ser mudados (SOARES, 2017).

À vista desse panorama, a violência no contexto escolar do Ceará apresenta-se como um fator de impacto na evasão escolar no contexto de ensino das escolas públicas (ESPELHO, 2024). Aliado a isso, aspectos como falta de suporte, oportunidades e baixa autoestima são fatores determinantes também para o abandono escolar. Além dos mais, conflitos entre os jovens também agravam esse cenário. Diante desse cenário desafiador, torna-se fundamental implementar estratégias que promovam o diálogo, a empatia e o respeito mútuo no ambiente escolar, utilizando o apoio pedagógico como ferramenta de transformação.

Nesse sentido, a Comunicação Não Violenta (CNV) surge como uma abordagem eficaz para facilitar o entendimento entre as pessoas, incentivando uma expressão clara e respeitosa, com foco na empatia e atenção mútua. Nos anos 60, do século XX, o psicólogo norte estadunidense Marshall B. Rosenberg propôs a conceituação do processo de Comunicação Não-Violenta (CNV) e, no ano de 1984, fundou a ONG denominada Centro para Comunicação Não-Violenta, destinada a promoção desse processo ao redor do mundo, possuindo hoje em dia projetos estruturados em mais de 65 países (MIZHARI, 2024).

A semente deste conceito começou a germinar quando Marshall contava com apenas 9 anos de idade (1943) e precisou ficar por 4 dias com sua família

trancado em casa, em Detroit, Michigan, EUA, para onde tinham acabado de se mudar, pois um conflito racial eclodia naquela cidade e bairro onde moravam, culminando na morte de mais de 40 pessoas (MIZHARI, 2024). Findadas as agitações originadas pelos confrontos raciais e iniciadas as aulas escolares, na saída da escola, Marshall foi fisicamente agredido por colegas de sala, com chutes e empurrões, simplesmente por terem identificado, pela origem de seu nome na chamada, que ele era judeu (RODRIGUES, 2024).

Desse modo, confrontando aquelas experiências de violência vivenciadas com outras compassivas vividas, o levou a íntima reflexão do que permite o ser humano, até nas circunstâncias mais adversas, manter sua natureza compassiva e o que o faz afastar-se dela. Tal inquietação foi justo o que, mais tarde, veio a impulsionar o desenvolvimento da CNV, através de dois questionamentos simples e profundos: I. O que acontece que nos desliga de nossa natureza compassiva, levando-nos a comportarmos de maneira violenta e baseada na exploração de outras pessoas?; II. Inversamente, o que permite que algumas pessoas permaneçam ligadas à sua natureza compassiva mesmo nas circunstâncias mais penosas? (FERREIRA, 2019).

A partir dessas reflexões, questionamentos foram realizados no sentido de identificar os efeitos da comunicação na organização da sociedade. Rosenberg passou a buscar respostas, não apenas na área da psicologia, como também, em paralelo, nas doutrinas religiosas diversas, que apontaram, em comum, o prestígio da vivência da compaixão, em que aspectos voltados para a contribuição para o bem-estar um do outro, e de boa vontade, traz alegria e satisfação à vida da pessoa. Na busca de resposta para essas duas questões sugere Rosenberg três fatores primordiais para compreensão dos motivos de, em situações similares, alguns reagirem violentamente e outros de forma compassiva: I. A linguagem que fomos ensinados a usar; II. Como nos ensinaram a pensar e a nos comunicarmos e III. As estratégias específicas que aprendemos para influenciar os outros e a nós mesmos (MIZHARI, 2024).

A CNV, para muito além de uma técnica de comunicação, se contrapõe a todo um sistema de comunicação através do qual somos educados a contribuir e manter as estruturas dos sistemas sociais em que vivemos. Induz a reflexão sobre uma estrutura de dominação contida na forma de comunicar da maioria dos povos de nosso planeta, refletindo uma “estrutura de dominação”, através da qual algumas pessoas, sem que se perceba, afirmam ser superiores e ter o direito de controlar outras, por supostamente saberem o que é melhor. De acordo

com Rosenberg (2006), a CNV se baseia em quatro elementos fundamentais: I. observar sem julgar; II. identificar e expressar os sentimentos; III. comunicar as necessidades e IV. formular pedidos claros. Segundo o autor, essa forma de comunicação estimula o desenvolvimento da compaixão, conectando as pessoas a si mesmas e aos outros.

Dessa maneira, repensa-se como os indivíduos interagem, levando em conta seus sentimentos e desejos, o que pode contribuir significativamente para a prática docente. Com base nisso, reitera-se a importância de materiais informativos como suporte na tomada de decisão no contexto escolar. Acredita-se que o compartilhamento do processo de construção desse tipo de material tem potencial para auxiliar outros pesquisadores com o mesmo interesse. Portanto, esta pesquisa tem como objetivo descrever as etapas de elaboração de uma cartilha informativa para a comunidade escolar no intuito de abordar sobre a CNV. Conforme Aragão (2020) a CNV é um método empático e compassivo, que aborda os conflitos por meio de observações, sentimentos, necessidades e pedidos adequados, promovendo um ambiente mais harmonioso e colaborativo.

METODOLOGIA

Tratou-se de estudo metodológico sobre a elaboração de uma de cartilha interativa informativa sobre a descrição e importância da comunicação não violenta (CNV) no contexto escolar, desenvolvida entre fevereiro e junho em uma faculdade privada na região do nordeste no Brasil. Esta pesquisa é proveniente de um projeto de extensionista vinculado à disciplina Projeto Extensionista I. A pesquisa ocorreu em uma escola da rede pública de ensino, na cidade de Limoeiro do Norte. Para elaboração da cartilha seguiram-se as seguintes etapas: 1) levantamento do conteúdo teórico; 2) checagem de confiabilidade teórica e científica; e, 3) construção do protótipo/cartilha.

Para a primeira etapa “levantamento de conteúdo teórico” foi realizado um estudo exploratório, sendo os dados obtidos pelas bases de dados do *Google Acadêmico*, *Scielo* e *Pepsic*, além do livro base “Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais”. Para isso, foram utilizados os seguintes descritores de busca: “Comunicação Não Violenta AND Escola”; “Comunicação Não Violenta AND Educação; Comunicação Não Violenta AND Ambiente Escolar e CNV AND Conflitos Escolares. Os descritores utilizados foram somente em língua portuguesa.

Nessa direção, para a “checagem de confiabilidade teórica e científica”, o projeto contou com a fase de observação da escola e do contexto de sala de aula, em que se pôde observar a presença de comportamentos verbais agressivos entre colegas de turma. A observação foi um procedimento adotado por “permitir o registro do comportamento em seu contexto temporal espacial” (ALVES-MAZZOTTI, 1999, p.164). Ademais, esse momento contou com a construção de entrevistas semiestruturadas. As perguntas foram elaboradas com base no material teórico encontrado, para verificar a congruência das informações teóricas encontradas e o contexto experiencial observado. As entrevistas foram realizadas com perguntas, previamente estabelecidas. Participaram desse momento, 2 alunos e 1 professor da turma, coletando informações e dados que auxiliaram na construção da cartilha propriamente. A entrevista foi adotada como procedimento, por permitir uma maior interação entre os pesquisando e pesquisados (ALVES-MAZZOTTI, 1999). A partir das entrevistas foi possível observar a preocupação do professor com a ausência de psicólogos na instituição, para auxiliar na gestão da saúde mental do núcleo educacional e, por fim, a terceira etapa se deu com a construção da cartilha propriamente dita. A cartilha foi construída pelas autoras. A partir da validação das informações, desenvolveu-se a “construção do protótipo da cartilha” contendo o conteúdo informacional. Para a elaboração da cartilha, realizou-se a análise de materiais similares na internet para compreender as escolhas de *layout* de materiais informativos sobre a CNV.

Como recurso gráfico para a construção da cartilha foi utilizada a ferramenta do CANVA de *design* gráfico *online* que tem ganhado destaque pela sua versatilidade e facilidade de uso, permitindo a criação de conteúdos visuais de forma intuitiva. Ele oferece uma ampla gama de modelos, recursos gráficos, fontes, ícones e imagens, que podem ser personalizadas conforme as necessidades do usuário. Uma de suas principais funcionalidades é a capacidade de criar materiais visuais atraentes, como cartilhas informativas, sem a necessidade de experiência prévia em *design*.

A ferramenta permite criar *layouts* organizados, que facilitam a leitura e a compreensão do conteúdo, além de possibilitar a inclusão de elementos visuais que tornam o material mais envolvente, incluindo modelos personalizáveis, ou seja, a plataforma possui diversos *templates* específicos para cartilhas, que podem ser adaptados ao tema e público-alvo; facilidade na inserção de imagens e gráficos, permitindo a adição de imagens, ícones e gráficos de maneira simples; colaboração em tempo real, assim existe a possibilidade de várias pes-

soas colaborarem no desenvolvimento do material. Isso é útil em projetos que envolvem equipes multidisciplinares, como na criação de uma cartilha por um grupo de profissionais, garantindo que o conteúdo seja revisado e aperfeiçoado e, por fim, a distribuição e acessibilidade, após a finalização, a cartilha pode ser exportada em diversos formatos, como PDF, PNG ou JPEG, sendo facilmente compartilhada em plataformas digitais ou impressa para distribuição física.

Considerando esses aspectos, a cartilha tem ao total onze páginas e foi estruturada da seguinte forma: capa, corpo editorial, apresentação, objetivos, introdução, biografia de Marshall Rosenberg, os quatro passos da CNV, a CNV no contexto escolar e alternativas de atividades para desenvolver a CNV no ambiente escolar, a cartilha finaliza trazendo o contato das autoras e da faculdade, caso haja necessidade de maiores esclarecimentos.

Abaixo segue em formato visual, a capa da cartilha utilizada durante o projeto de extensão:

Figura 1. Ilustração visual da capa da cartilha informativa utilizada



Fonte: Elaboração das próprias autoras (2024)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este projeto visa promover a cultura do diálogo respeitoso, desenvolvendo habilidades de comunicação empática entre alunos, professores e funcionários. Através da construção de uma cartilha informativa sobre a CNV, que parte de levantamentos teóricos acerca da temática, bem como de observações e entrevistas realizadas no contexto escolar. Além disso, a cartilha busca promover um ambiente acolhedor e inclusivo, onde cada indivíduo se sinta valorizado e ouvido. Com o apoio da comunidade escolar, espera-se que essa iniciativa proporcione uma transformação significativa na dinâmica educacional, cultivando relações mais saudáveis e empáticas.

Diante disso, parte-se da ideia de que a Comunicação Não Violenta (CNV) é uma abordagem de comunicação que busca estabelecer uma conexão mais empática e respeitosa entre as pessoas, promovendo um diálogo mais saudável e eficaz. No ambiente escolar, essa prática é especialmente importante, pois contribui para a criação de uma atmosfera positiva e acolhedora, onde professores, alunos e funcionários se sentem ouvidos, compreendidos e valorizados (ROSENBERG, 2006). De tal modo, contextualiza-se a construção da CNV abordando brevemente a biografia do autor - Marshall Rosenberg.

Marshall Bertram Rosenberg, psicólogo americano, (Ohio, 6 de outubro de 1934; Albuquerque - 7 de fevereiro de 2015). Em 1961 obteve seu PHD em psicologia clínica pela Universidade de Wisconsin - Madison. No começo dos anos sessenta, em sintonia com o movimento dos direitos civis americano, Rosenberg começou a trabalhar como orientador educacional em escolas e universidades que abandonavam a segregação racial, processo este que não pôde ser chamado de transição pacífica. Durante este período tenso, porém frutífero, Rosenberg providenciava arbitragem e treinamento em técnicas comunicativas. Foi neste contexto que desenvolveu um método comunicativo chamado Comunicação Não Violenta (CNV).

O método da CNV é composto por 4 passos essenciais que podem ser descritos como: a observação, que descreve o que lhe incomoda sem julgamento ou juízo de valores. Quando julgamos o outro a tendência é que ele se afaste; o objetivo da CNV é justamente o contrário, sendo a conexão empática; sentimento, após a observação, é necessário identificar e expressar os sentimentos associados à situação, reconhecendo as emoções próprias e as dos outros envolvidos. É crucial conectar-se com as emoções genuínas, sem culpar ou

criticar; necessidade, em seguida, é preciso identificar as necessidades subjacentes aos sentimentos, ou seja, aquilo que é fundamental para o bem-estar e a realização pessoal. Articular claramente as necessidades ajuda a criar empatia e compreensão mútua, e por último, o pedido, o passo final da Comunicação Não-Violenta CNV consiste em fazer pedidos específicos e positivos, alinhados com as necessidades identificadas. Esses pedidos devem ser viáveis e orientados para a ação, promovendo colaboração e buscando soluções mutuamente satisfatórias. Assim, facilitam a comunicação construtiva e a resolução de conflitos.

A seguir, será apresentado de forma ilustrativa o passo a passo da Comunicação Não Violenta (CNV) conforme elaborado na cartilha, de maneira lúdica. O objetivo é proporcionar aos professores e demais profissionais que atuam no ambiente escolar uma ferramenta prática para utilizar na psicoeducação dos alunos sobre o método e suas estratégias. Dessa forma, será possível facilitar a compreensão e aplicação dos princípios da CNV no cotidiano escolar, promovendo uma comunicação mais empática e eficaz entre todos os envolvidos.

Em conformidade com esses passos, a cartilha traz a metáfora do lobo e da girafa, escolhida para representar respectivamente os estilos de comunicação violenta e empática na Comunicação Não-Violenta CNV. A metáfora da girafa e do lobo na CNV ilustra os estilos de comunicação empática e violenta, respectivamente. Rosenberg (2003) emprega essa analogia para representar a capacidade da girafa de enxergar além das situações imediatas, simbolizando a visão ampla e aberta promovida pela CNV. Em contrapartida, o lobo é associado à comunicação violenta, caracterizada por julgamentos e críticas, refletindo a agressividade e a desconexão interpessoal. Essa abordagem visual destaca os princípios fundamentais da CNV, como a compreensão, empatia e resolução pacífica de conflitos.

Figura 2. Ilustração visual sobre o método da CNV

4 passos da CNV **5**

1. OBSERVAÇÃO
 Descreva o que lhe incomoda sem julgamento ou juízo de valores. Quando julgamos o outro a tendência é que ele se afaste; o objetivo da CNV é justamente o contrário, sendo a conexão empática.

2. SENTIMENTOS
 Após a observação, é necessário identificar e expressar os sentimentos associados à situação, reconhecendo as emoções próprias e as dos outros envolvidos. É crucial conectar-se com as emoções genuínas, sem culpar ou criticar.


3. Necessidade
 Em seguida, é preciso identificar as necessidades subjacentes aos sentimentos, ou seja, aquilo que é fundamental para o bem-estar e a realização pessoal. Articular claramente as necessidades ajuda a criar empatia e compreensão mútua.

4. PEDIDO
 O passo final da Comunicação Não-Violenta CNV consiste em fazer pedidos específicos e positivos, alinhados com as necessidades identificadas. Esses pedidos devem ser viáveis e orientados para a ação, promovendo colaboração e buscando soluções mutuamente satisfatórias. Assim, facilitam a comunicação construtiva e a resolução de conflitos.


Fonte: Elaboração das próprias autoras (2024)

Figura 3. Ilustração visual da metáfora do lobo e da girafa para a CNV



Fonte: Elaboração das próprias autoras (2024)

A partir das atividades desenvolvidas, pôde-se analisar como a comunicação violenta encontra-se disseminada no ambiente escolar, principalmente, na relação aluno-professor e no convívio da turma. Nesse contexto, foi notória a

observação de intrigas, pequenas discussões e até mesmo *bullying* provocados por uma linguagem mais agressiva. Além disso, notou-se a partir das observações e das entrevistas o desconhecimento sobre a temática da CNV, tanto por alunos, quanto pelo professor. Sendo assim, algumas dificuldades foram identificadas, no contexto de sala de aula.

A partir das entrevistas, que foram realizadas com alunos e professor, escolhidos aleatoriamente no contexto escolar, foi possível reiterar os comportamentos e o convívio de sala de aula presenciados. Um estudante do sexo masculino, 14 anos, afirma sobre o convívio na escola que: “Às vezes é equilibrado, mas, às vezes, foge muito do controle. Com intrigas, discussões, mas, nada ao extremo.” Já, outra aluna do sexo feminino, 14 anos, ao ser realizada a mesma pergunta, declara que “às vezes, é muito bagunçado, às vezes com brigas, de vez em quando. Mas é de boa!”. No entanto, a presença da violência no espaço escolar não é uma demanda atual, no contexto da instituição.

Para que seja estabelecido um ambiente escolar adequado, capaz de agir como um elemento preventivo, precisa ser fundamentalmente humano e caloroso – algo certamente difícil de praticar onde conflitos interpessoais já se instalaram (GARCIA, 1999). Logo, essa abordagem personalizada que a CNV propõe ajuda os alunos a identificarem suas necessidades e, com base nelas, formularem pedidos. Ferreira (2019), ao desenvolver o trabalho, o uso da CNV como possibilidade de intervenção nas relações interpessoais entre os estudantes, relata nos resultados, circunstâncias similares com a da presente pesquisa desenvolvida. Posto isso, o objetivo central ao empregar a CNV nas intervenções, é fomentar a sensibilidade em todos os participantes, para reconhecerem suas contribuições no problema ou conflito em questão e, assim, assumam o papel de protagonistas na busca por soluções (ROSENBERG, 2006).

Dessa maneira, propõe-se como meta da cartilha informativa que a CNV no ambiente escolar desempenhe um papel crucial na escola ao fomentar relacionamentos saudáveis entre alunos, professores e funcionários. Eis algumas maneiras pelas quais a CNV pode ser aplicada:

1. Resolução de Conflitos: A CNV ensina habilidades de comunicação empática, permitindo que os alunos expressem suas necessidades de maneira clara e respeitosa, reduzindo conflitos e facilitando a resolução pacífica de problemas;

- II. Criação de um Ambiente de Aprendizado Positivo: Professores que praticam a CNV estabelecem um clima de sala de aula acolhedor, onde os alunos se sentem seguros para compartilhar suas ideias e preocupações;
- III. Desenvolvimento de Empatia: Ao reconhecer e responder às emoções dos outros, os alunos desenvolvem empatia, essencial para criar um ambiente escolar inclusivo e compassivo;
- IV. Prevenção do Bullying: A CNV ajuda os alunos a desenvolver habilidades sociais, fortalecendo sua capacidade de se comunicar de maneira construtiva e resolver conflitos de forma não violenta, o que reduz o Bullying.

Nessa perspectiva, como alternativas de atividades para o desenvolvimento da CNV no contexto escolar aponta-se uma variedade de atividades que incentivam a prática e a compreensão dos princípios fundamentais da CNV. Duas alternativas eficazes são a realização de oficinas de cartazes e a criação de um caminho de sentimentos, tais como:

- a. Explorando a CNV: Alternativas de Atividades no Ambiente Escolar. Promover a Comunicação Não Violenta dentro do ambiente escolar é essencial para cultivar relações empáticas e saudáveis entre alunos, professores e funcionários. Além de abordar conceitos teóricos em sala de aula, é crucial oferecer atividades práticas que permitam aos participantes experimentar e internalizar os princípios da CNV. Duas alternativas cativantes são a realização de oficinas de cartazes e a criação de um caminho de sentimentos;
- b. Caminho de sentimentos: Nessa atividade, um caminho físico é decorado com diferentes estações representando uma variedade de emoções, como alegria, tristeza, raiva e medo. Os alunos são convidados a percorrer o caminho, parando em cada estação para identificar e compartilhar suas próprias experiências emocionais. Durante esse processo, eles praticam a escuta empática, aprendendo a validar e responder às emoções dos outros com compaixão e compreensão. Ao final do caminho, os participantes podem discutir como a CNV pode ser aplicada para comunicar suas próprias emoções de forma eficaz e respeitosa.

Essas atividades não apenas oferecem uma experiência prática e envolvente para os alunos, mas também promovem uma cultura de empatia, respeito e cooperação dentro do ambiente escolar. Ao incorporar atividades como oficinas de cartazes e caminhos de sentimentos em programas educacionais, as escolas podem fortalecer o entendimento e a aplicação dos princípios da CNV, capacitando os alunos a construir relacionamentos saudáveis e construtivos ao longo de suas vidas.

Diante do cenário exposto, a cartilha informativa aponta que o diálogo, juntamente com a escuta, inserido no contexto da CNV, se configuram como elementos primordiais para o fortalecimento do vínculo entre aluno e professor e para formação de um ambiente escolar mais empático e harmonioso. Desse modo, observa-se, que por meio da experiência de campo que a utilização da CNV pode permitir à turma e aos educadores, a criação e a construção em conjunto de estratégias voltadas para a prevenção de problemas dentro da sala de aula, resultando em um ambiente mais tranquilo, que pode contribuir para o aprimoramento da aprendizagem e uma melhor convivência escolar (ROSENBERG, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma cartilha informativa sobre a Comunicação Não Violenta (CNV) no contexto escolar reveste-se de grande importância, especialmente quando se trata de observar e conhecer os espaços onde a violência pode se manifestar através da linguagem. A escola é um ambiente essencial para a promoção de uma cultura de paz e para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais que favoreçam a convivência pacífica entre alunos, professores e toda a comunidade escolar. Neste sentido, a CNV oferece ferramentas práticas para o enfrentamento de conflitos de maneira empática e construtiva, ajudando a reduzir a violência em suas múltiplas formas, incluindo as sutis que emergem nas interações diárias.

As situações conflituosas e práticas da cultura da violência são realidades no âmbito escolar que vem tomando grandes proporções e preocupando sociedades e profissionais da educação (SANTOS, 2018). Atualmente, é um fenômeno real que desafia toda a sociedade. Trata-se de uma questão multi-causal e complexa que demanda ainda análises e estudos mais aprofundados. A miséria, o desemprego, as desigualdades sociais, a falta de oportunidades para

os jovens e a presença insuficiente ou inadequada do Estado fazem aumentar as manifestações de violência no nosso país.

Dentro desse panorama, sabe-se que não se trata de um fenômeno circunscrito a fatores estruturais de ordem socioeconômica. Atualmente, nota-se que diversos outros fatores influenciam e interferem para o desenvolvimento e legitimação de práticas e ações de violência. Portanto, podemos pensar em termos de cultura da violência, ou seja, uma tipologia de violência que implica na fundamentação e legitimação de práticas e concepções violentas que são difundidas a partir de nossos discursos, produtos culturais, linguagem etc. Desse ponto de vista a violência escolar expressa aspectos epidêmicos de processos de natureza mais ampla, ainda insuficientemente conhecidos, que requerem investigação. No entanto, faz-se necessário, portanto, investigar o papel do professor, peça principal nesse cenário educacional, diante da desconstrução das estruturas da violência (RITA; DAGANI; SILVA, 2023).

Nessa lógica, a educação para a Paz, surge como um movimento educacional no início do século XX, e é um pilar importante neste processo. Inspirada por pedagogos, sociólogos e defensores dos direitos humanos, essa abordagem visa ampliar a noção de paz e mitigar a violência, observando os conflitos de maneira positiva e propositiva. Não obstante, embora a agressividade seja inerente à natureza humana, a violência não é inevitável, e é possível escolher agir de maneira não violenta (RITA; DAGANI; SILVA).

Compreende-se que a educação para a Paz seja um esforço por unir atitude e ação, numa busca por gerar comportamentos que se intensifiquem em uma relação de aprendizados mútuos, seja do lado docente, seja do lado do educando. Além de ação e de pensamento propositivo, a Educação para a Paz quer favorecer relações em que a ética seja a tônica transformadora. Essa compreensão é fundamental para a implementação da CNV, pois possibilita que os indivíduos lidem com suas emoções de forma responsável, sem recorrer a atitudes violentas.

Ao incentivar a prática da CNV nas escolas, propõe-se uma nova maneira de pensar a educação, onde a promoção de valores como empatia, respeito e cooperação seja central. Como afirma Serrano (2002), a Educação para a Paz está diretamente ligada aos valores e atitudes, promovendo uma ação educacional mais ativa e engajada por parte dos estudantes. Essa integração entre atitude e ação, mediada pela CNV, cria um ambiente em que os conflitos são vistos como oportunidades de aprendizado mútuo e de crescimento ético.

A CNV, ao centrar-se em componentes como observação, sentimento, necessidade e pedido, oferece uma estrutura que facilita a resolução de conflitos interpessoais, especialmente aqueles enraizados em preconceitos e desumanização. Como explica Rosenberg (2006), a CNV não é apenas uma técnica de comunicação, mas uma forma de pensar e agir que transforma as interações, tornando-as mais compassivas e harmoniosas. Isso é essencial no ambiente escolar, onde a diversidade de ideias, culturas e estilos pode gerar atritos, mas também grandes oportunidades de aprendizado e desenvolvimento humano.

Desse modo, a CNV oferece uma estrutura básica de pensamento que facilita a abordagem de problemas gerados nas interações humanas, principalmente, aqueles que decorrem de rótulos desumanizadores presentes em ideias plenas de preconceito, ignorância e medo, manifestadas no cômputo da comunicação, nos mais diferentes campos do relacionamento (LIMA; NASCIMENTO, 2019). O autor sustenta que isto possa, em essência, transformar a compreensão em convívio mais harmônico e pacífico, possibilitando aprendizagens mútuas.

A CNV se apresenta enquanto um processo de adaptação do comportamento frente às situações provocadas pela diferença de ideias, estilos e culturas entre as pessoas, as quais podem estar em confronto, também, com outras ideias, estilos e culturas. A atenção principal deste esforço está voltada para a tomada de consciência dos quatro componentes essenciais da CNV.

Rosenberg (2006) identificou também uma forma de linguagem específica que possibilita o desencadear de situações de confronto violento de ideias, a qual denominou de “comunicação alienante da vida”. Esta forma de comunicação está impregnada de julgamentos moralizadores, amalgamada à pretensas formulações sobre o certo e o errado, classificando e dicotomizando pessoas e suas ações.

Na perspectiva de melhorar as condições das relações e sua possibilidade de gerar aprendizagens para ambos os lados da comunicação, a CNV se apresenta como um pensar individual aberto ao outro, à busca pela compreensão mútua que sustente tanto ambientes, quanto relacionamentos com a intenção clara de promover sem medo, o crescimento comum. Portanto, a cartilha sobre Comunicação Não Violenta no contexto escolar não é apenas um material informativo, mas uma ferramenta para a construção de uma cultura de paz. Ela contribuirá para que a escola se torne um espaço onde o diálogo seja valorizado, os conflitos sejam abordados de forma positiva, e o desenvolvimento de competências socioemocionais seja promovido como parte integral da forma-

ção dos alunos. Dessa forma, será possível não apenas mitigar a violência, mas também fortalecer relações baseadas na empatia e no respeito, essenciais para o crescimento comum.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Thomson, 1999. ARAGÃO, Milena Cristina. Depoimento [dez 2020]. Entrevistador(a). Pâmela da Rosa Martins. Palhoça: Instituto Federal de Santa Catarina, 2020. 1 arquivo. mp4 (1hr5min). **Entrevista concedida para a pesquisa sobre educação não violenta em sala de aula**. Não publicada. Brasil. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES no 7, de 18 de dezembro de 2018. **Dispõe sobre a Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão na Educação Superior Brasileira, em especial a Extensão Universitária**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 dez. 2018, Seção 1, p. 49.

ESPELHO da violência: a criminalidade como causa da evasão escolar. **O POVO Online**, Fortaleza, 20 jul. 2018. Disponível em: encurtador.com.br/bquQX. Acesso em: 10 maio. 2024. GAIDARGI, Alessandra Maria Martins. **Educação infantil dialógica e não-violenta**. Dialogia, São Paulo, n. 33, p. 246-262, set./dez., 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13668>. Acesso em: 10 maio. 2024. GARCIA, Joe. **Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. R. Paran. Desenv., Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

LIMA, Marcos Antônio de. NASCIMENTO, Luiz Hermínio do. Comunicação Não Violenta: reflexões sobre um novo método de abordagem e combate à violência verbal no ambiente escolar. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 09, Vol. 03, pp. 145-158.2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/comunicacao-nao-violenta>. Acesso em: 08 de jan. 2021.

MIZRAHI, Helio Alberto. **CONTRIBUIÇÃO DA COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA PARA A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS**. 2023. Tese de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa

RITA, Francine Michele; DAGANI, Cassiane; DA SILVA, Everaldo. **COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA E EDUCAÇÃO PARA A PAZ:**

FERRAMENTAS DE DIÁLOGO PARA EDUCADORES DO MUNICÍPIO DE BRUSQUE/SC NO PÓS PANDEMIA. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, v. 17, n. 2, p. 14-34, 2023.

RODRIGUES, Cibele Cristina Gonçalves. **Círculos de diálogos restaurativos na educação pós-pandêmica: a comunicação não-violenta na promoção da convivência**. 2024. ROSENBERG, MARSHALL B. Comunicação Não Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais / Marshall B. Rosenberg; [tradução Mário Vilela]. - 1ª ed. - São Paulo: Ágora, 2006. ROSENBERG, MARSHALL B. Comunicação Não Violenta. 2011. Disponível em: Acesso em: 11 jul, 2017.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

SANTOS, Maria Angélica da Silva Costa et al. A comunicação não violenta como instrumento para uma cultura de paz: uma proposta para as escolas da rede estadual de Sergipe. **Ideias e Inovação-Lato Sensu**, v. 4, n. 2, p. 89-89, 2018.

SOARES, Mariana Lie Oshiro. **Repensando a cultura da violência pela comunicação em sala de aula**. 2017.